

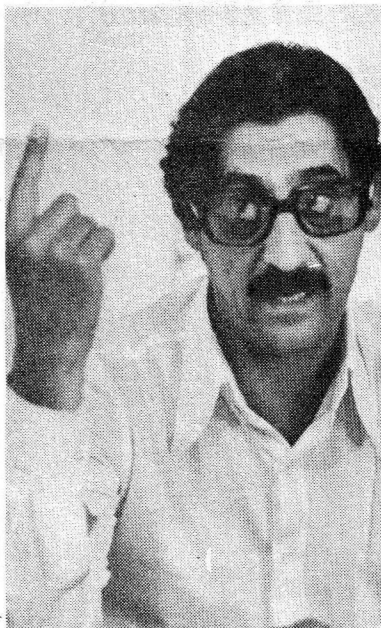
Saraiva condena a proposta

"É uma proposta equivocada porque contraria o próprio pensamento do sistema único de saúde no País que busca a universalização do atendimento. É equivocada porque só fala do profissional médico esquecendo todos os outros profissionais do setor, e sobretudo porque foi elaborada por pessoas que estão fora da realidade do sistema de saúde no Distrito Federal". Com essas palavras o médico Saraiva e Saraiva, presidente do Sindicato dos Médicos, refuta a idéia da volta do médico de família que para ele é nada mais nada menos que um incentivo à volta da medicina privada.

Saraiva e Saraiva garantem que nenhuma mudança nesse sentido será promovida dentro da Fundação Hospitalar porque o atual acordo coletivo da categoria lhes garante que as mudanças só acontecerão depois de discutidas por comissões paritárias. "O secretário devia estar preocupado em promover a integração dos hospitais militares com as Ações Integradas de Saúde, ou então com outros problemas urgentes do setor", reage Saraiva.

A volta do médico de família também foi criticada pelo homeopata Amauri Pires Lucas,

chefe da pediatria na Ceilândia, que não vê uma mudança na política de saúde desvinculada da implementação de recursos humanos e materiais dentro da Fundação Hospitalar. Para ele, o médico generalista, a exemplo do



Líder dos médicos é contra

que buscam os homeopatas, precisa estar preparado para atender a população de forma global e principalmente à toda hora, sem limitações. Ele acredita que toda mudança que visa melhorar o atendimento à população é sempre bem vinda, mas deve ser discutida com todos os profissionais envolvidos.

"Se nos ambulatórios do Inamps ou da Fundação não somos atendidos direito, como é que vai funcionar um médico de família dentro desta estrutura?" questiona a carioca Sueli M. residente na SQN 102 que na infância ouviu falar muito desse profissional. Se isso acontecer vai ser bom — disse ela — porque o médico vai se tornar amigo e nos sentiremos mais à vontade para contar nossos problemas. "Nos consultórios a correria é grande e não temos tempo de falar tudo que queremos" completou.

Já a recepcionista Emeri Souza, que há 18 anos está em Brasília, acredita que a volta do médico de família é uma coisa boa se o governo não onerar ainda mais o assalariado. Antes o médico era pago pelas famílias mas "hoje o que ganhamos não daria para mais este gasto", acentuou.